

MERCADO DE PRODUTOS

1 - FEIJÃO

Em janeiro, os produtores paulistas enfrentaram grandes dificuldades para comercializar o remanescente de feijão das águas (1ª safra, 1992/93), tais como: baixo consumo da população, retração das compras realizadas pelos cerealistas/atacadistas e propostas de compras com até quinze dias de prazo para pagamento.

O preço médio recebido pelo produtor, Cr\$367.500,00/sc. 60 kg de feijão carioquinha, sofreu aumento nominal de apenas Cr\$2.500,00 em relação a dezembro, indicando perda real de 21,8%. Ainda assim, continuou superando o preço mínimo de garantia do Governo Federal, de Cr\$307.591,20/sc. 60 kg, porque o volume de oferta de produto no Estado era pequeno. O preço pago ao produtor da Região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) foi até inferior ao preço mínimo de garantia, porém, com o acréscimo dos custos de transporte e impostos, o produto chegava a São Paulo custando mais do que as aquisições realizadas no próprio Estado.

As operações de EGF/AGF estão praticamente suspensas devido à clássica inexistência de verbas disponíveis, enquanto que a possibilidade de liquidação de EGF por parte dos produtores para aumentar o nível de oferta também está afastado, uma vez que o valor de remissão supera os preços de mercado. O feijão "egefado" em julho de 1992 (safra da seca 1991/92) tinha o preço da remissão da ordem de Cr\$493.000,00/sc. 60 kg em 28 de janeiro na região de Itapeva. O preço mínimo de garantia a vigorar em fevereiro é de Cr\$389.902,20 e, pelo menos na primeira quinzena, servirá como nova referência para o preço de mercado.

No mercado varejista, o consumidor não encontrou feijão de variedades nobres, como jalo e rajado, enquanto que o feijão rosinha, só disponível a granel e nas feiras-livres, custou em média Cr\$12.290,00/kg, ou seja, 20% acima do preço do feijão carioquinha, que é o de maior preferência em São Paulo.

O plantio de feijão da seca (2ª safra) encerra-se em fevereiro. A intenção inicial dos

produtores paulistas era de manutenção da área plantada na mesma safra do ano passado. Entretanto, com a persistência do período chuvoso e com apenas 60% de realização de plantio em janeiro, é muito provável que ocorra queda de área, uma vez que as condições climáticas previstas para fevereiro são desfavoráveis para a conclusão do plantio programado.

Luiz Carlos Miranda

2 - MANDIOCA

A colheita da safra paulista de mandioca de 1993 está se iniciando, mas ainda não há nenhuma estimativa oficial sobre a produção. Contudo, informações de diversos segmentos do setor indicam que deverá superar significativamente a do ano anterior, o que já está se refletindo no comportamento do mercado, cujos preços estão subindo com menos intensidade, mas ainda apresentam valorização real em todos os níveis de comercialização, em janeiro.

Na primeira quinzena de fevereiro, o preço recebido pelo produtor oscilou em torno de Cr\$1.000.000,00/tonelada raiz para pagamento em quinze dias, mas há dificuldade de se fechar negócios a esse preço. A perspectiva de oferta abundante de matéria-prima e os vencimentos dos contratos de EGFs de farinha estão fazendo com que os industriais pressionem os preços da raiz para baixo. Além disso, o mercado de farinha está frouxo, os comerciantes estão comprando o mínimo, em função do período de carnaval, quando normalmente cai a demanda, que já está abaixo do normal devido ao reduzido poder aquisitivo da população. As perspectivas para os próximos meses são de preços declinantes, a medida que a safra se avoluma.

O setor está reivindicando do Governo o reajuste do preço mínimo, que em fevereiro representa 50% dos preços de mercado e, também, a prorrogação dos prazos de vencimentos dos contratos de EGFs.

José Roberto da Silva

3 - MILHO

A falta de chuva, associada às elevadas temperaturas, entre meados de dezembro e a primeira semana de janeiro, na região produtora compreendida entre o Vale do Paranapanema (regiões de Assis e Ourinhos) em São Paulo, norte e noroeste do Paraná e os municípios na mesma latitude no Mato Grosso do Sul, prejudicou sensivelmente a cultura do milho, que se encontrava nas fases de floração (pendoamento) e frutificação (enchimento de grão na espiga). Nas demais regiões do Estado e do Centro-Sul, de modo geral, o clima foi normal em janeiro.

A previsão de produção para São Paulo, portanto, deverá ser revista para baixo em relação ao levantamento de novembro, quando se previra colheita de 2,9 milhões de toneladas, baseada em aumento de produtividade em relação ao anterior. Igualmente, a previsão inicial para o Centro-Sul como um todo, de cerca de 26,7 milhões de toneladas, não deverá se concretizar.

Devido à venda de estoques oficiais em leilões realizados pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), em dezembro e janeiro, e o início antecipado da colheita da nova safra na segunda quinzena de janeiro, o mercado foi relativamente calmo em janeiro, quando normalmente no pico de entressafra os preços sofrem altas reais. As compras restringiram-se apenas às necessidades de curtíssimo prazo, face às perspectivas de queda de preços com a intensificação das entradas da nova safra.

Os preços do milho elevaram-se menos que a inflação em janeiro, estimando-se em Cr\$118.200,00 por saca de 60 kg o preço médio mensal no Estado de São Paulo, com alta de cerca de 17,7% em um mês. O preço mínimo corrigido foi de Cr\$77.863,80 e o preço de liberação de estoques (PLE), de Cr\$108.312,00 por saca de 60 kg.

Alfredo Tsunehiro

4 - TOMATE ENVARADO

Em janeiro de 1993, o preço médio de Cr\$73.689,00/cx. representou aumento real de cerca

de 1,4%, quando comparado com o do mês anterior, mesmo com a manutenção do nível de entradas no mercado atacadista de São Paulo, devido às transferências do produto para o Rio de Janeiro.

As principais regiões fornecedoras foram: Guapiara, Ribeirão Branco, Itapeva e Apiaí em início de safra, apresentando melhora de qualidade. A participação do produto de boa qualidade foi de 30%, de média qualidade de 50% e de fraca de 20%.

Ao se considerar o custo de produção de Cr\$52.000,00/cx., já inclusa a despesa com embalagem, frete de Cr\$12.000,00/cx., 3% de recolhimento de Seguridade Social, descarga de Cr\$1.000,00 e comissão do atacadista de 15%, calcula-se que apenas os produtos de boa qualidade (tipo Extra AA), que apresentaram cotações médias em torno de Cr\$110.000,00/cx., devem ter permitido aos tomaticultores obterem resultado positivo.

Em fevereiro/março, deverá ocorrer aumento de entradas de produtos oriundos de Caçador (SC), contudo, a procura também deverá ser maior, principalmente do Estado do Rio de Janeiro, e conseqüentemente os preços poderão se elevar.

Lídia Hathue Ueno

5 - TRIGO

A produção mundial de trigo deverá ser incrementada em 1993, havendo também um maior volume de importações. Maiores colheitas devem se verificar nos Estados Unidos e em alguns países importadores de trigo da África, América do Sul, Europa e Ásia, porém, a demanda da China e de países da extinta União Soviética continuarão elevadas, segundo a Associação de Produtores de Trigo dos Estados Unidos.

O estoque de trigo da CONAB, da ordem de 700 mil toneladas, é praticamente de produto importado e, para 1993, a previsão da CONAB é de que as importações atinjam entre 3,5 a 4 milhões de toneladas, das quais cerca de 2,5 milhões deverão ser de produto argentino.

Até o momento foi comercializado aproximadamente 50% do trigo produzido em 1992 a preços que variaram entre US\$140 e US\$150 por tonelada.

No Estado do Paraná, 30% da produção de trigo (480.000 toneladas) estão sob contrato de EGF; no Rio Grande do Sul, até o início de fevereiro, 50% da safra (400.000 toneladas) estavam sob EGFs e foram liberados recursos para mais 200.000 toneladas na primeira dezena de fevereiro; no Mato Grosso do Sul, foi plantada pequena área de trigo em 1992 e quase não há produto em EGF. No Estado de São Paulo, 50% da produção foram vendidos até o final de janeiro.

Para a safra deste ano no Paraná, as expectativas são de redução de 50% na área a ser cultivada com trigo, que deverão ser substituídos por soja, milho e canola, segundo a OCEPAR. As áreas de concentração do trigo devem ser o norte e oeste do Estado. No caso do Rio Grande do Sul ainda é cedo para apontar qualquer posicionamento. Para o Estado de São Paulo, a expectativa também é de diminuição da área plantada, podendo chegar até a 50%. A maior parte da área deverá ser substituída pelo milho "safrinha", produto cuja comercialização tem se apresentado mais fácil que a do trigo.

Os tricultores estão muito apreensivos em relação às importações do produto, notadamente da Argentina, o que, segundo eles, tem dificultado a negociação de preços para o trigo nacional e está fazendo com que as cooperativas segurem o produto na expectativa de obtenção de melhores preços durante o período de entressafra.

Ana V. V. Martins Monteiro e J. Roberto da Silva

6 - AVICULTURA

- Frango

Os preços do frango, observados em janeiro de 1993, foram inferiores em relação a dezembro de 1992, nos três níveis de comercialização.

Os produtores, de maneira geral, queixam-se da falta de rentabilidade, alegando que, enquanto o preço do frango ficar por volta de US\$0,60/kg, não haverá possibilidade de enfrentar os custos de produção e obter lucro. Para eles, o ideal seria atingir US\$0,70/kg, fato que não ocorreu em janeiro.

Essa situação é consequência de oferta elevada, ocasionada pela incubação de 167 milhões

de pintinhos em novembro, só 5,9% inferior a de outubro, considerada a maior do ano.

Para janeiro, o alojamento esperado deve ficar por volta de 160 milhões, segundo dados preliminares da Associação Brasileira de Pintos de Corte (APINCO). Para o próximo mês, as perspectivas mostram-se favoráveis devido à vigência do novo salário-mínimo e cujo reflexo na demanda será sentido em março.

- Ovos

Os produtores de ovos conseguiram desempenho melhor em termos de preços reais, em relação aos outros dois níveis de comercialização. Este fato vem ocorrendo desde dezembro de 1992, quando os preços elevaram-se razoavelmente e as despesas ficaram em níveis compatíveis, devido, principalmente, ao recuo nas cotações do milho.

Continua o descarte de poedeiras velhas, a fim de ajustar a oferta a médio prazo, com menor utilização de galinhas.

A demanda continua instável, contudo o novo salário-mínimo poderá alterar o quadro.

Albino Eugênio Ferreira Zirlis

7 - BOVINOCULTURA DE CORTE

Em janeiro de 1993, em termos reais, o preço médio da arroba do boi gordo foi 4,3% menor que o do mês anterior, porém, comparativamente a janeiro e julho de 1992, os preços do boi gordo estão, respectivamente, 6,3% e 17,9% superiores.

Passado o período sazonal de aumento no consumo, provocado pelas festas de fim de ano e pelo recebimento do décimo terceiro salário, ocorreu redução natural da demanda no varejo e conseqüente dificuldade para que os produtores imponham novos aumentos.

A expectativa de ocorrência de mudanças, na área econômica, está contribuindo para a retenção de animais por parte dos produtores, preocupados em preservar seu capital, com conseqüente redução de oferta no mercado.

O caráter da pecuária de corte, como opção de investimento a médio e longo prazos, torna a

retenção dos animais uma opção vantajosa neste momento, porque mantém o ativo na forma de boi gordo e cria condições para nova elevação das cotações.

O pico de consumo, no final de dezembro de 1992 e início de janeiro de 1993, favoreceu os mercados atacadista e varejista no sentido de equilibrar a pressão exercida pelos pecuaristas e a queda no consumo durante a maior parte de 1992. Porém, comparando-se o preço em janeiro de 1993 com o mesmo período do ano anterior observa-se uma desvalorização real de 7,2% e 14,5% para o dianteiro e o traseiro respectivamente, e de 8,0% no varejo.

Para 1993 existe a possibilidade de redução nas exportações brasileiras dadas as tendências de acúmulo de estoques de carne na Comunidade Econômica Européia (CEE) e queda de preços no mercado internacional. Caso isto se verifique, o efeito sobre o comportamento dos preços da arroba do boi gordo deverá ser negativo, pois não há mostras que o consumo interno se modifique. Essa situação poderá se agravar ainda mais com as notícias de descredenciamento de pelo menos dois dos maiores frigoríficos exportadores do Brasil, pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e talvez pela CEE.

Carlos Roberto Ferreira Bueno